



## **É POSSÍVEL FAZER A DIFERENÇA? FAÇA DISTO UMA MOTIVAÇÃO!**

Daiane da Silva Freitas – IFSUL

Cristhianny Bento Barreiro – IFSUL

### **Introdução**

Este trabalho aborda um relato acerca formação, ou transformação docente através de experiências vividas durante o estágio supervisionado em um curso de Formação Pedagógica de Docentes, num momento do currículo intitulado Prática Pedagógica.

O estágio foi realizado em uma turma do diurno do curso técnico em contabilidade de uma escola técnica estadual, pertencente à rede pública de ensino e localiza-se em zona periférica da cidade de Rio Grande atendendo em sua maioria alunos oriundos de classe média e baixa.

O momento do estágio teve como objetivo a compreensão da atuação pedagógica em sua totalidade, criando um espaço de reflexão sobre a escola, gestão desta e a atuação prática docente, a fim de desenvolver conhecimentos e experiências relacionados a esta prática que permitam a construção de uma prática autoformativa.

A seguir, passo a descrever a importância do estágio para professores que, já exercendo a profissão, encaminham-se à cursos de formação de professores e necessitam assim, cumprir os requisitos de Prática Pedagógica. Logo após, descrevo brevemente reflexões e sentimentos acerca do estágio, e encerro com a Travessia durante o estágio.

### **A importância do estágio para quem já exerce o magistério**

O estágio coloca-se como o momento mais importante da formação docente, onde o professor articula a práxis em que se coloca como mediador e formador de opinião. Segundo Pimenta e Lima (2004, p.129) “o estágio se configura, para quem já exerce o magistério, como espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos”.

Discuto a importância do estágio a partir de três itens: 1- Reflexão das práticas, a partir das teorias; 2- Formação contínua e; 3- Ressignificação dos saberes e produção de conhecimentos.

#### 1- Reflexão das práticas, a partir das teorias

Deve-se buscar na reflexão crítica sobre a prática, a compreensão da escola em sua totalidade. Refletir sobre a escola, sua gestão, a atuação prática e, também, sobre questões políticas e sociais. “Esta torna-se uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo.” (REIRE, 1996, p.12).

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (MISUKAMI, 1986).

#### 2 – Formação Contínua

A formação continuada docente faz parte do seu desenvolvimento profissional. Não se pode esquecer que o professor vive num constante movimento de ensinar- aprender. O saber é um processo em construção. Não há como, no mundo atual, com a globalização da economia e a constante inserção de novas tecnologias, a sociedade e o mundo do trabalho modificando-se, o professor parar no tempo. O que os professores ensinam e sua maneira de ensinar transforma-se com o tempo e com as mudanças sociais (Tardif, 2002).

#### 3 – Ressignificação dos saberes e produção de conhecimentos

O saber docente não é puramente científico. Há os saberes adquiridos pelas experiências de vida, pelas experiências profissionais, pelas relações interpessoais, no cotidiano escolar, enfim, da pessoa-professor. E ensinar exige mobilizar esta gama de saberes e adaptá-los para aplicação no cotidiano escolar. Esta condição constitui o alicerce para aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais. Pimenta sinaliza para a necessidade de os professores–alunos investigarem a própria atividade pedagógica e, com isso, transformarem seu saber fazer docente:

A formação contínua, realimentada por uma teoria que ilumine a prática e uma prática que ressignifique a teoria, construiria uma grande ciranda, em cujo passo e compasso poderíamos descobrir a aventura de sermos sempre estagiários, eternos aprendizes, porque **contínuo é o homem, e não o curso.** (PIMENTA E LIMA, 2004, p.141)

## **Reflexões e sentimentos sobre a prática docente**

Hoje li meu caderno de estágio e uma frase em forma de pergunta de uma das supervisoras me chamou a atenção: “Será que um professor pode fazer a diferença? Realmente não sei se podemos fazer a diferença quando a vida lá fora, às vezes é tão difícil, mas para mim é uma inquietação”.

Acredito que essa seja uma inquietação de muitos professores. Busquei na internet a frase “o professor pode fazer a diferença”. Resolvi pesquisar os vídeos. Entre os mais diversos conteúdos encontrados desde Paulo Freire a coisas sem propósito. Eis que um me chama a atenção “pedagogia do amor”. Assisti. Fiquei extremamente comovida com a história contada, real ou não, de autor desconhecido.

A “inquietação” sugerida primeiramente colocada por uma frase no relatório de estágio, agora, torna-se mais “inquietante”.

Fez- me refletir... Pensar... Questionar... Ainda podemos contribuir para o processo de formação do sujeito? Nos preocupamos com o ser humano que está ali diante de nós? Nos preocupamos realmente com sua formação?

E motivou-me a escrever. Afinal, que tipo de educação quero, pratico e preciso?

Os motivos de escolha desta ou daquela teoria pedagógica no processo educar-aprender que adotei durante minha trajetória docente.

O que motiva os alunos a estarem ali naquelas cadeiras? Motivos, motiva, motivar... Encontrei na palavra motivação uma justificativa da minha escrita sobre a minha trajetória de estágio.

Acredito que para tudo que se faz nessa vida é preciso motivação. O desejo de se alcançar um objetivo. Vibrar e entusiasmar-se.

Ontem, fechava as notas do semestre, então corrigi a avaliação no momento em que o aluno entregou a prova, verificando o resultado final: aprovado. Surpreendi-me com o pulo de alegria, a gargalhada, o abraço, um beijo. Quantas realizações, inquietações e motivações estão implícitas naquele gesto.

Não que todos os alunos devessem agir da mesma maneira para o professor sintá- se motivado. Mas são momentos únicos experimentados na vida docente que preenchem e que remete ao tamanho da responsabilidade do educador. E, volto à motivação, que se torna um fator importante para que aconteça o aprendizado.

No processo de ensino- aprendizagem a vontade e o entusiasmo devem estar presentes tanto nos professores quanto nos alunos para que haja sucesso. E nos professores recai a responsabilidade de criar estratégias de ensino que despertem nos alunos o desejo de

aprender. Educação requer ação e o resultado é o aprendizado, mas para que tenha este resultado, inicialmente, deve haver vontade (MEDEL, 2009).

### **Travessia durante o estágio: tendência pedagógica**

As ações pedagógicas devem estar alicerçadas nas várias teorias pedagógicas, tendências curriculares, na integração das disciplinas curriculares, etapas do planejamento de ensino e sua articulação com o projeto pedagógico da escola.

Porém, aqui, não tenho a intenção de rotular-me com uma ou outra tendência pedagógica a seguir. Pois acredito que não há uma receita pronta em cada uma delas que possa ser aplicada homogeneamente a toda turma, ou fórmulas mágicas que resolvam de forma imediata questões educacionais.

A questão fundamental não é saber se o professor deve ser tradicional ou construtivista, mas como o professor resolve as tensões do cotidiano escolar. (CHARLOT, 2008).

Inúmeros pesquisadores tem se dedicado a investigar questões ligadas ao professor: de qual ou de quais conhecimentos precisa-se ou como se deve agir para exercer o ofício de ensinar. Tais pesquisas enfatizam a importância de se refletir sobre o fazer docente.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 2002)

Porém, embora hoje em dia muito se fale da formação de um professor que reflita sobre a sua prática e que seja crítico, encontrar o caminho para isto ainda é difícil. E o paradigma tradicional de ensino tem seus resquícios no presente processo de ensino-aprendizagem, que foi historicamente construído e é percebido nas aulas expositivas e demonstrativas dos conteúdos.

Mesmo assim, houve uma reconstrução do pensamento através da reflexão sobre a prática, pois estar em estágio significa estar em um momento propício a constante transformação e muitas incertezas. Como diz Freire (2002, p.30) “O mundo não é. Ele está sendo”. E “mudar é difícil, mas é possível”. E principalmente pelo panorama social que a escola está inserida.

Demo (1997, p.7) diz que o contato pedagógico escolar somente acontece, quando mediado pelo questionamento reconstrutivo. Caso contrário, não se distingue de qualquer outro tipo de contato.

Para Charlot (2008, p.25):

(...) o mais importante é entender que a aprendizagem nasce do questionamento e leva a sistemas constituídos. É essa viagem intelectual que importa. Ela implica em que o docente não seja apenas um professor de conteúdos, isto é, de respostas, mas também, e em primeiro lugar, professor de questionamento. Quanto aos alunos, às vezes, andarão sozinhos [...] outras vezes, caminharão com a professora de mãos dadas. O mais importante é que saibam de onde vêm, por que andam e, ainda, que cheguem a algum lugar que valha a pena ter feito a viagem.

O processo de ensinar e de aprender é complexo. Problemas acontecem também na vida do professor, afinal ele ainda é um ser humano, é uma esposa ou marido, filho, mãe, pai, aluno... e tantas outras figuras que ele possa representar. Mas seja da maneira que for, deve estar disposto a enfrentar e acreditar que a sua prática pode, um algum momento, fazer a diferença.

E para fazer a diferença acredito em:

“Uma pedagogia articulada com os interesses populares [...] os métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos [...] sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação... (SAVIANI, 2008, p.55-56)

Encerro, finalizando o texto com parte de um vídeo, sem autoria, que sintetiza as idéias aqui defendidas:

“Mais do que avaliar as provas e dar notas, o importante é ensinar mostrando que sempre é possível fazer a diferença. O que faz a diferença?

É o fazer acontecer a solidariedade, a compreensão, a ajuda mútua e o amor entre as pessoas... O resto vem por acréscimo...

É este o segredo!” (a.d, s.d.)

### **Referências Bibliográficas:**

CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea:** um trabalhador da contradição. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa.** Campinas: Editores Associados, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática Educativa**. 25ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MEDEL, Cássia R. M.de A. Motivação na aprendizagem. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.º 49/725, 25 de junio de 2009. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI) .Disponível em: <<http://www.rieoei.org/jano/2141RavenaJANO.pdf>> Acesso em: 11 de fev. de 2012.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPV, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. **Estágio e Docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2004

SAVIANI, Dermeval. **Para além da teoria da Curvatura da Vara**. In: Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 47- 64

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Educação Profissional. Petropolis: Vozes, 2002.

Título		Autoria/Instituição
Resumo		
Introdução		
Relato	Considerações Finais	
Referencias		